

e qualquer outro que, do lado de lá, tenha o mau gosto de praticar literatura. E creio que essa é a atitude mais humana, a mais condizente com a nossa falta de humildade. É milagre, e o milagre, não explicando nada, explica tudo. Pois se não admitirmos que o caso é milagroso, temos que levar o Chico Xavier à Academia Brasileira de Letras — e, naturalmente, estamos mais dispostos a reconhecer-lhe amizades no Céu que direitos literários ao Petit Trianon”.

“ROGO ABENÇOEM A FILHA QUE NÃO MORREU”(*)

Meu querido papai, minha querida mãezinha, estou forte, tranqüila, quase feliz se não fôsse o sofrimento natural da grande separação. Rogo abençoem a filha que realmente não morreu. Venho até aqui amparada por muitos amigos, mas especialmente por tia Maria, a fim de pedir-lhes coragem e paciência.

Não pensem na morte. Não aceitem desânimo no coração. Pensemos na vida, na beleza da vida, com fé em Deus.

Estou melhor, menos abatida, menos aflita. Nós temos agora uma família maior, os que sofrem mais do que nós. Não se acreditem sòzinhos. Sei que lastimam agora fôsse eu uma filha só em casa. Não chorem por isso porque Jesus nos dá por filhos as crianças sem lar. Não suponham que poderiam ter tido mais filhos, que teria sido melhor a família maior, a casa mais cheia. Não, mãezinha, tudo está certo.

A senhora fez o melhor. Quis juntamente com meu pai que a sua filha estudasse e crescesse para uma nobre tarefa. Deram-me tudo, em nossa felicidade familiar. Mas o Senhor por suas leis resolveu de outro modo. Isso não impede nosso trabalho de amar as crianças menos felizes daí, vamos acrescentar a felicidade onde estivermos.

Não chorem mais. É verdade que a primeira série de meus estudos estava firme e sinceramente eu queria ter ficado, viver com vocês dois... Sonhava também ajudá-los, retribuir as dádivas de amor com que me enriqueciam as horas...

(*) «Mensagem Espírita», Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Ano I, n.º 4, agosto de 1969, págs. 3-4. Mensagem recebida na noite de 20-6-69, em Uberaba, Minas, dirigida aos pais da jovem comunicante, Sr. Walter Menezes e D. Cândida Menezes, residentes na cidade de Igarapava, Est. de São Paulo.

Mas a leucemia no corpo estava no programa. Ao vê-los aflitos, desconsolados, fiz tudo para aproveitar os remédios, entretanto, mãezinha, a minha cura tinha de ser espiritual e não física. Hoje sinto-me renovada e quero que se renovem. Auxiliem-me com a paz.

Lembrem-me viva, satisfeita, estudando com alegria. As lágrimas com que me recordam caem no meu coração por chuva de fogo. Desculpem-me ser assim tão franca. Mas é verdade, o que digo, o pensamento é uma ligação, que ainda não sabemos compreender. Quando estiverem com as nossas lembranças mais vivas, comemorando acontecimentos, não se prendam à tristeza. Embora separados estamos juntos em nosso íntimo.

Explicar isso ainda não sei. Posso, porém, dizer-lhes que estou com vocês dois, assim como alguém que carregasse no ouvido um telefone obrigatório. Não estou em casa mas ouço e vejo quanto se passa.

Nossos amigos daqui me esclarecem que isso passará quando a saudade for mais limpa entre nós. Saudade limpa!...

Nunca pensei nisso. Mas dizem que a saudade que se faz esperança no coração, é assim como um céu claro, mas a saudade sem paciência e sem fé no futuro é semelhante a uma nuvem que prende com sombra e tristeza aqueles que lhe dão alimento na própria alma.

Agradeço as preces e as vibrações de ternura com que me ajudam, mas não percam a confiança. Quando vier o Natal não chorem mais como fizeram da última vez. Sofri muito ao vê-los em aflição.

Há quase um ano estou aqui na vida diferente e desejo melhorar-me, aprender, progredir. Não acusem a leucemia não. O que houve, conforme aprendo agora, foi resgate em mim mesma. Vim a saber que em outro tempo, confiei-me ao veneno, extenuando a vida em mim própria.

Renascendo, passei pelos resultados. Tudo está bem, se compreendermos que Deus só nos deseja o Bem.

Não posso escrever mais.

Agradeçam à tia Maria e ao vovô Joaquim, o que fazem por mim. Agora vocês podem fazer isso. Orem, e na prece, falem a eles do bem que nos trazem.

Papai, Mãezinha, a saudade pode ser grande, mas a esperança é maior.

Confiemos na Bondade de Deus e recebam o coração da filha que lhes pede a bênção,

MARILDA

DEPOIMENTO DE J. HERCULANO PIRES(*)

O SERVO FIEL

Não seria justo fazermos uma exaltação de Francisco Cândido Xavier. No Espiritismo cada servo ocupa o seu lugar e o galardão que lhe cabe é apenas o cumprimento do dever. Mas seria injusto, no momento em que se comemoram quarenta anos de absoluta dedicação de Chico Xavier à mediunidade, silenciarmos a respeito. E mais do que isso, seria perdemos a oportunidade de chamar a atenção de nossos leitores para o exemplo que ele nos dá. Estas palavras, portanto, não serão o incenso queimado a um ídolo, mas o lembrete fraterno a todos nós, que devemos e precisamos urgentemente aprender com o médium dedicado e humilde.

Chico Xavier desenvolveu sua mediunidade psicográfica, iniciando o seu mediunato (missão mediúnica) na noite de 8 de julho de 1927, numa reunião espírita de criaturas simples e boas, na então cidadezinha de Pedro Leopoldo, sua terra natal, próximo a Belo Horizonte. Antônio Barbosa Chaves, hoje com setenta e seis anos, quase cego, morando na mesma cidade, participava daquela reunião e pôde declarar, ainda agora, aos confrades do jornal "O Espírita Mineiro", que foram visitá-lo: "Eu vi o Chico receber a primeira mensagem!"

UM MOCINHO

Chico Xavier era então um mocinho de 17 anos, um adolescente. Mas tinha a sua missão e nunca deixou a mesa de trabalho. Dos 17 aos 57 anos ele serviu fielmente ao

(*) «Renovação», Ano VIII, N.ºs 88, 87 e 88, outubro, novembro e dezembro de 1967 (São Bernardo do Campo — SP).